



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à CCTV – China TV

Pequim-China, 08 de agosto de 2008

Jornalista: O Brasil é um dos quatro finalistas para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. O Rio de Janeiro foi a última cidade a ser escolhida. Quais são os maiores desafios do Brasil para vencer a disputa?

Presidente: Eu acredito que o principal desafio seja convencer os membros de comitês internacionais de que, da mesma forma que a China disputou, e ganhou, para realizar as Olimpíadas, o Brasil tem as mesmas condições de realizar uma. Nós somos um país com 190 milhões de habitantes. Nós somos um país apaixonado pelo esporte. Nós somos um país com todas as condições de sediar as Olimpíadas porque fizemos os Jogos Pan-Americanos de 2007, vamos fazer as Olimpíadas Militares em 2011 e vamos fazer a Copa do Mundo em 2014. Portanto, tudo que é necessário fazer, ou pelo menos quase tudo, estará pronto até a Copa do Mundo, em 2014. Depois, teremos apenas que preparar o que falta para realizar as Olimpíadas, seja do ponto de vista das praças esportivas, das piscinas e da infra-estrutura.

Nós estaremos prontos, eu acho que o Brasil tem todas as condições. E também acho importante que as Olimpíadas sejam feitas em países não-europeus e não nos Estados Unidos, que já sediaram 6 Olimpíadas. É preciso levar para outros continentes. Da mesma forma que a China ganhou agora, nós achamos que o Brasil tem o direito de sediar as Olimpíadas em 2016.

Jornalista: Os chineses são muito impressionados pela maravilhosa performance do futebol brasileiro. O que mais poderia ser destacado para os Jogos Olímpicos de 2016?



Presidente: Eu penso que o Brasil vem com a maior delegação da sua história: são 270 atletas, dos quais 132 mulheres, o que é uma coisa extraordinária. O Brasil está preparado não apenas para ganhar no futebol masculino e feminino, no vôlei masculino e feminino, no vôlei de praia... Não vou ficar aqui citando porque acho que o Brasil está bem em muitas modalidades. E as Olimpíadas são sempre as Olimpíadas: vamos escolher sempre o melhor do mundo e é sempre muito difícil. Mas o Brasil se preparou como nunca para participar das Olimpíadas e eu espero que nossos atletas tenham a sorte de vencer.

Jornalista: O que o senhor espera que Pequim consiga com os Jogos Olímpicos de 2008? Por que existem controvérsias emergindo (inaudível).

Presidente: Penso que é um equívoco ficar discutindo apenas a questão econômica, se a China gastou 40 bilhões de dólares, se gastou 30, se gastou 50... O importante é que a gente saiba o seguinte: hoje em dia, as Olimpíadas servem, antes de tudo – além da prática de esporte, que é o principal – para divulgar o país, motivar o país a fazer investimentos. Durante os Jogos, milhões de pessoas vão conhecer melhor o país, e depois que terminam as Olimpíadas o país fica com um saldo político, esportivo, humano, com melhorias na cultura...

Fui na Vila Olímpica ontem e achei extraordinário aquilo lá. Acho que a China vai apresentar um espetáculo extraordinário. Possivelmente a China passará para a história com as melhores Olimpíadas realizadas até agora, e obviamente que só vai perder este título quando no Brasil, em 2016, nós fizermos as melhores Olimpíadas.

Jornalista: Em 2001, Jim O'Neill, economista chefe da Goldman Sachs, chamou a atenção para o fato de que Brasil, China, Índia e Rússia se



tornarão as quatro maiores economias emergentes do mundo, constituindo, juntas (inaudível). Qual seria a maior contribuição de Brasil e China de forma a facilitar uma prosperidade econômica global?

Presidente: A China é um parceiro estratégico do Brasil. Nós hoje temos um fluxo comercial de aproximadamente 30 a 33 bilhões de dólares. Isso é pouco, entre dois países, e eu conversei com o presidente Hu Jintao que nós precisamos fazer mais parcerias nas áreas científica e tecnológica, parcerias entre as indústrias brasileiras e as indústrias chinesas, tem muitas indústrias brasileiras fazendo investimento aqui na China.

Eu penso que a China, hoje, é uma espécie de equilíbrio da questão comercial do mundo. E o Brasil, sendo parceiro estratégico da China, quer contribuir para que possamos crescer juntos.

Eu, particularmente, estou convencido de que o Brasil entrou em um ciclo de crescimento sustentável, e que o Brasil fará parte, junto com a China, das cinco maiores economias do mundo, em um curto espaço de tempo.

Jornalista: Há pouco tempo, as negociações da Rodada de Doha fracassaram. No entendimento do senhor, o que deve ser feito?

Presidente: Eu não acredito que tenha fracassado. Eu prefiro utilizar o termo “uma pausa”. Foram sete anos de negociações, é como se alguém tivesse entrado no mar, lá no Brasil, para vir à China e quando chegasse aqui morresse na praia.

Houve uma certa tensão entre a Índia e os Estados Unidos, possivelmente por razões políticas, porque os dois países têm eleições, a Índia no ano que vem e os Estados Unidos agora. A China tem um problema, ela cedeu muito na OMC e, portanto, ela se achava no direito de não fazer mais concessões.



Eu acho que nós estamos muito próximos de um acordo. Na semana passada eu liguei para o presidente Bush, essa semana conversei com o presidente Hu Jintao, e na próxima semana vou falar com o primeiro-ministro Singh, para que a gente possa ver se em setembro nós sentamos e fechamos esse acordo.

Nós chegamos muito próximos, chegamos a colocar a mão num acordo e não deu certo por causa de divergências, mas eu não estou pessimista ainda.

Jornalista: O senhor quer o terceiro mandato? Sobre a Unasul, criada com o intuito de para facilitar a integração econômica regional da América do Sul, eu gostaria de saber o que uma política externa de um governo de centro-esquerda como seu pode capitalizar?

Presidente: Primeiro, eu penso que o Brasil é levado muito a sério nas negociações. O que nós temos que ter em conta é que são mais de 160 países negociando, os interesses são os mais díspares possíveis e, portanto, nós estaremos sempre à procura de encontrar um denominador comum, e isso nós vamos encontrar.

Eu aprendi a fazer política, na minha vida, fazendo negociações, e eu sei que é difícil fazer negociação. Se nós temos, muitas vezes, dificuldade de entrar em um acordo dentro da nossa própria família, imagine o que é um acordo envolvendo interesses agrícolas, interesses tecnológicos, interesses industriais entre nações de tamanhos tão diferentes, de economias tão diferentes. Cada um quer defender o interesse de seu Estado nacional. E nessa defesa do interesse do Estado nacional, nós temos que fazer a inflexão para atendermos os interesses dos nossos interlocutores. Por isso, eu sou muito otimista.

Com relação à América do Sul, nós somos muito incipientes, nós não temos essa cultura de trabalhar enquanto bloco. Nós estamos construindo



agora, o avanço na América do Sul é extraordinário. Há dez anos nós tínhamos, na América do Sul, só governantes de pensamentos ideológicos de direita. Hoje nós temos uma grande maioria de governantes eleitos democraticamente, com pensamentos progressistas, comprometidos com o povo. Nós estamos começando agora o que a Europa começou há 50 anos, e vamos construir a união da América do Sul. Com a China nós já temos um comércio nas nossas moedas, sem a interferência do dólar. E eu penso que estamos dando passos importantes.

Se nós continuarmos no ritmo que estamos, de crescimento econômico e de avanço democrático, eu penso que nos próximos dez anos a América do Sul será infinitamente melhor do que é até hoje.

(\$31DHJMQ)